

# POROROCA | Cristina Lamas

curadoria de Natxo Checa



FUNDAÇÃO CARMONA E COSTA

quarta a sábado > 15h – 20h | exposição patente até 21 de Janeiro de 2023

No princípio o mundo não existia. As trevas cobriam tudo. Enquanto não havia nada, apareceu uma mulher por si mesma. Isso aconteceu no meio das trevas. Ela apareceu sustentando-se sobre o seu banco de quartzo branco. Enquanto estava aparecendo, ela cobriu-se com seus enfeites e fez como um quarto. Esse quarto chama-se Ƴhtãboho taribu, o «Quarto de Quartzo Branco». Ela se chamava Yebá Buró, a «Avó do Mundo» ou, também «Avó da Terra».

[...]

Foi ela que pensou sobre o futuro mundo, sobre os futuros seres. Depois de ter aparecido, ela começou a pensar como deveria ser o mundo. No seu Quarto de Quartzo Branco, ela comeu ipadu, fumou o cigarro e se pôs a pensar como deveria ser o mundo.

[...]

Enquanto ela estava pensando no seu Quarto de Quartzo Branco, começou a se levantar algo, como se fosse um balão e, em cima dele, apareceu uma espécie de torre. Isso aconteceu com o seu pensamento. [...] Tendo feito isto, ela chamou o balão Ƴmukowi'i, «Maloca do Universo».

[...]

Voltou a mascar ipadu e a fumar o cigarro. Todas essas coisas eram especiais, não eram feitas como as de hoje. Ela tirou então o ipadu da boca e o fez transformar-se em homens, os «Avós do Mundo» (Ƴmukoñehkūsūma). Eles eram Trovões. Esses Trovões eram chamados em conjunto Ƴhtãbhowerimahsã, quer dizer os «Homens de Quartzo Branco» porque eles são eternos, eles não são como nós.

[...]

Yebá Buró disse aos Trovões:

— «Gerei vocês para criarem o mundo. Pensem agora como fazer a luz, os rios e a futura humanidade». Eles responderam que assim fariam. Mas nada fizeram! Cada qual ficou na sua própria maloca e nem se lembraram do que a Avó do Mundo lhes havia pedido.

[...]

Os rios, eles já haviam criado. Só lhes faltava fazer a luz e a futura humanidade.

[...]

Voltando ao seu lugar, a Avó do Mundo disse:

— «Não está dando resultado».

Pensou então em criar um outro ser que pudesse seguir as suas ordens. Tomou ipadu, fumou cigarro e pensou como deveria ser. Enquanto estava pensando, da fumaça mesmo formou-se um ser misterioso que não tinha corpo. Era um ser que não se podia tocar, nem ver.

[...]

— «Eu mandei os Trovões do Mundo fazerem as camadas da terra, fazerem a futura humanidade, mas eles não souberam fazê-lo. Faça-o você. Eu hei-de guiá-lo».

[...]

O Bisneto do Mundo, criando as camadas da terra, estava subindo no espaço, dirigindo-se para a maloca do terceiro Trovão, porque a Avó do Mundo lhe havia dado a ordem de ir lá pedir os enfeites de penas que viriam a ser a futura humanidade.

[...]

Ao entrar, o Bisneto do Mundo exclamou:

— «Sów!» É uma saudação de quem chega ao dono da maloca. E continuou dizendo:

— «Ƴmukoñehkūrē mahsākarimahsū», isto é, «Eu sou o homem que veio visitar o Avô do Mundo».

O terceiro Trovão respondeu:

— «Sim, Bisneto do Mundo!»

[...]

— «Eu vim aqui porque Yebá Buró me mandou pedir-lhe as suas riquezas, ó Avô do Mundo. Por isso é que eu vim aqui!»

[...]

— «Eis as riquezas, meu Bisneto! Quando voltar lá, você faça assim mesmo!»

E ensinou-lhe os ritos que deveria realizar.

[...]

— «Procedam dessa forma quando forem colocar as Malocas de Transformação para criar a futura humanidade».

[...]

E em cada maloca, acontecia a mesma coisa: as riquezas transformavam-se em pessoas, com corpo humano, e estavam crescendo.

As primeiras malocas estão na beira do Lago de Leite, em cima da Maloca de Leite. As outras malocas estão localizadas no grande rio que é o Rio de Leite (Ahpikōmañ), outras estão nas costas do Brasil, no rio Amazonas, no rio Negro, no rio Uaupés e, por fim, no rio Tiquié. De um certo ponto, baixaram outra vez, e continuaram subindo pelo rio Uaupés até a saída por terra em Ipanoré.

Subindo acima da Maloca de Leite, a Canoa de Transformação chegou à maloca que se chama Diásorowi'í «Maloca do Redemoinho». Aí, ela encostou e os dois fizeram uma cerimônia com as riquezas. Esta maloca foi criada por ʘmukosurãpanami e por ʘmukomahsë Boreka. Subindo acima desta maloca, eles colocaram uma maloca que se chama Diábarirawi'í «Maloca dos que Engatinham». A futura humanidade tornava-se gente e crescia maloca por maloca, assim como a criancinha cresce ano por ano. Assim mesmo acontecia com eles.

[...]

Subindo mais acima, colocaram a maloca que se chama Diámahinawi'í «Maloca de Olhar Para Trás». Aí, fizeram cerimônias como de costume. Estas quatro malocas estão na beira do Lago de Leite, no seu lado esquerdo. Daí subiram o Rio de Leite e chegaram à maloca que se chama Diátaawi'í «Maloca da Barragem». Daí subiram e chegaram à 6.<sup>a</sup> maloca que se chama Diáimikawi'í «Maloca dos Paris». Daí subiram e chegaram à 7.<sup>a</sup> maloca que se chama Diágõrëwi'í «Maloca de Caju». Daí subiram e chegaram à 8.<sup>a</sup> maloca que se chama Diámairiwi'í. Daí subiram e chegaram à 9.<sup>a</sup> maloca que se chama Diákabukërãwi'í «Maloca do Borbulho na Água». Daí subiram e chegaram à 10.<sup>a</sup> maloca que se chama Diáimipawi'í «Maloca de Areia». Daí subiram e chegaram à 11.<sup>a</sup> maloca que se chama Diáwabe-wi'í «Maloca dos Escudos». Os velhos contam que esta maloca está nas costas do Brasil. Daí subiram e chegaram à 12.<sup>a</sup> maloca que se chama Diáihkūwi'í «Maloca da Terra». Também ela está nas costas do Brasil. Continuando a subir, entraram no rio Amazonas. Chegaram à 13.<sup>a</sup> maloca que se chama Diápirõwi'í «Maloca da Cobra». Os velhos dizem

que esta maloca se encontra onde está hoje Manaus. Daí entraram no Rio Negro e chegaram à 14.<sup>a</sup> maloca chamada Diáborerawi'í «Maloca de Branqueamento». Daí subiram e chegaram à 15.<sup>a</sup> maloca que se chama Diábaraceruwi'í «Maloca de Baracelu», isto é, Barcelos. Daí subiram e chegaram à 16.<sup>a</sup> maloca que se chama Diámiñapõrãwi'í «Maloca das Flautas Sagradas». Daí subiram e chegaram à 17.<sup>a</sup> maloca que se chama Diádariwi'í «Maloca das Frutas Uirapixuna». Daí, subiram e chegaram à 18.<sup>a</sup> maloca que se chama Diámariwawi'í. Daí subiram e chegaram na 19.<sup>a</sup> que se chama Diábehkawi'í «Maloca dos Tapurus». Os velhos contam que esta maloca é Tapuruquara. Daí subiram e chegaram na 20.<sup>a</sup> maloca que se chama Diábopitawi'í. Daí subiram e chegaram à 21.<sup>a</sup> maloca que se chama Diámokãkuwi'í «Maloca do Sêmen». Daí subiram e chegaram à 22.<sup>a</sup> maloca que se chama Diáwairowi'í «Maloca do Cacuri». Daí subiram e chegaram à 23.<sup>a</sup> maloca que se chama Diánahsikapagūwi'í «Maloca do Grande Camarão». Estas malocas n.ºs 21, 22 e 23 estão em São Gabriel da Cachoeira. Daí vieram subindo e chegaram à 24.<sup>a</sup> maloca que se chama Diágoriwi'í «Maloca das Flores». É a atual Ilha das Flores, no rio Negro. Daí vieram subindo e chegaram na 25.<sup>a</sup> maloca chamada Diánekapagãrãwi'í «Maloca das Grandes Estrelas». Daí subiram e chegaram à 26.<sup>a</sup> maloca que se chama Diáũhtãgohowi'í «Maloca dos Desenhos Rupestres». Situa-se em Itapinima, já no rio Uaupés. Daí subiram e chegaram à 27.<sup>a</sup> maloca chamada Diámiñapõrãwi'í «Maloca das Flautas Sagradas». Daí subiram e chegaram à 28.<sup>a</sup> maloca que se chama Diáũrĩsatarowi'í «Maloca da Muda de Pupunha». Daí subiram e chegaram à 29.<sup>a</sup> maloca que se chama Diáseewi'í «Maloca dos Bancos».

A humanidade já estava formada. Vimos que ela passou por muitas malocas, entrando nelas, transformando-se. Por isso, eles já estavam grandes. Daí subiram e chegaram na 30.<sup>a</sup> maloca chamada Diábayabūwi'í «Maloca dos Cantos». Esta maloca é a principal. Antes de chegar a esta maloca, ʘmukosurãpanami disse:

— «A humanidade já está formada. Encontramo-nos na metade da viagem e é tempo de fazê-la falar».